

VOLUME II – ANEXO (F)
ENTREVISTAS

ANEXO F

Centro de Memórias das Ruínas Romanas de Troia

ENTREVISTAS

F.1 - Entrevista a Filomena Barata, arqueóloga doutorada e técnica superior do Museu Nacional de Arqueologia.

Pergunta 1: Em 1990, foi realizada uma intervenção de emergência na sepultura designada 90-1, da qual a doutora participou como colaboradora. Desta coleção, tivemos a possibilidade de recolher oito operações de levantamento da cobertura da sepultura, todas elas efetuadas no mesmo dia. Recordar-se do tipo de intervenção que foi efetuada e as metodologias adotadas?

Entrevistada: Não consigo descrever exatamente pois já passaram mais de trinta anos. Mas quando realizado o desmantelamento e a conservação da sepultura, com a ajuda de Armando Sabrosa, Luís Bastos e José Carlos [antropólogo de Beja que analisou o esqueleto], demos conta de que a sepultura estava muito destruída. Tratava-se de uma sepultura em caixa retangular, composta por telhas e tijolos e que seria revestida a opus *signinum*, no entanto, esse opus era praticamente inexistente pois abateu. Aquilo que fizemos foi o registo gráfico e fotográfico da sepultura e removemos os materiais que a cobriam. Mas não sei dar pormenores.

Pergunta 2: Segundo os dados, descobrimos que houve uma operação realizada em 1989, anterior à intervenção, talvez uma prospeção? Pois não temos contextos nem sequer essa informação escrita. Saberá situar essa situação?

Entrevistada: As sepulturas estão situadas sobre cetárias e devido ao fenómeno de retração, natural da movimentação das areias, as mesmas abateram e ficaram desgrudadas. Daí a emergência da escavação. Eu fiz a programação de escavações a propósito da valorização do sítio arqueológico de Tróia. A proposta inicial do Dr. Cavaleiro Paixão foi rejeitada pois era necessário reunir uma equipa mais pequena, e foi aí que eu entrei como colaboradora das escavações, em 1985. Não me lembro de ter participado em trabalhos de prospeção em 1989, mas também não me recordo de muita coisa.

Pergunta 3: No decurso da escavação, notamos a ausência de partes integrantes da cobertura. A ausência de espólio datante dificulta a nossa leitura. Recordar-se mais ou menos em que período cronológico o Dr. Paixão julgaria em que se situaria a sepultura? E porquê?

Entrevistada: Lembro-me muito bem de, numa das sepulturas, ter sido descoberta uma moeda do século IV, que estava na boca do esqueleto, pois até tivemos uma discussão muito interessante sobre o papel do marinheiro. Era uma moeda muito desgastada, mas que foi levada para restauro, possivelmente para o laboratório do Museu Nacional de Arqueologia pois o António Paixão tinha sempre o cuidado de trazer consigo alguns materiais para restauro. Nisso, ele era muito minucioso. Mas não tenho a certeza se pertence à sepultura 90-1, já passaram trinta anos desde a escavação e posso estar a confundir. Lembro-me também de uma tampa de vidro que escavámos e que foi desenhada pelo meu colega Armando Sabrosa. Tanto quanto sei, as sepulturas deveriam ser contemporâneas daquelas escavadas perto do Columbário, portanto, provavelmente entre meados do século IV.

Pergunta 4: De acordo com os dados de 2010, foi descoberta a existência de uma Necrópole sobre a Oficina 6, anterior à construção Basílica. Posto isto, e uma vez que a sepultura 90-1 está assente sobre uma das cetárias desta oficina, abrimos a hipótese de que esta sepultura poderá pertencer a essa Necrópole. Contudo, na análise dos opus percebemos que, na verdade, a sepultura foi escavada sobre o próprio pavimento da basílica. Qual seria a sua opinião?

Entrevistada: A sepultura pode pertencer à necrópole, é uma possibilidade, tendo em consideração que naquela parte situada, em que é a nave central da basílica, não faria muito sentido usar como espaço funerário, pois sabemos que em algumas realidades arqueológicas, essa é uma dúvida ainda muito presente. Mas não me recordo muita coisa, não sei descrever ao certo a estratigrafia e gostava de poder ajudar um pouco mais.

Pergunta 5: Não dispomos de informação sobre o relatório desta escavação. A doutora tem alguma informação que nos possa ajudar sobre o paradeiro deste relatório?

Entrevistada: Minha querida, não me recordo. Foram muitos anos. O relatório ficou a cargo do António Paixão, eu e o Armando apenas tratamos dos desenhos. Ainda tenho alguns destes ficheiros comigo, mas sobre o relatório ou informação da

estratigrafia desta sepultura, já não tenho memória. Pois para além da sepultura 90-1, também escavamos outras sepulturas nessa mesma altura e isto é tudo o que me lembro.

F.2 - Entrevista a Vítor Santos, arqueólogo.

- Entrevista gravada e disponível para consulta em ficheiro multimédia.